


LEÕES NAS REDES, SILENCIOSOS NA VIDA REAL: IDENTIDADE, PERFORMANCE E FRAGILIDADE DAS RELAÇÕES HUMANAS NA SOCIEDADE DIGITAL

LIONS ONLINE, SILENT IN REAL LIFE: IDENTITY, PERFORMANCE, AND THE FRAGILITY OF HUMAN RELATIONS IN THE DIGITAL SOCIETY

 <https://doi.org/10.63330/armv2n5-075>

Submetido em: 28/05/2026 e Publicado em: 02/06/2026

Marco Antônio Teixeira de Paula
Mestrando em Teologia pela Faculdades EST

Silvia Clícia Corrêa dos Santos de Paula
Mestranda em Teologia pela Faculdades EST

Charles Klemz
Doutor em Teologia pela Faculdades EST

RESUMO

O presente artigo analisa criticamente as ressignificações das relações humanas na contemporaneidade diante da maximização das redes sociais e plataformas digitais. Observa-se um fenômeno cada vez mais frequente: pessoas que assumem comportamentos agressivos, ousados e altamente expressivos nos ambientes virtuais, mas que, nas relações presenciais, demonstram retraimento, insegurança e dificuldades comunicacionais. Embora frequentemente associado as pessoas jovens, esse comportamento também migra para a vida adulta, afetando e fragilizando relações familiares, afetivas, profissionais e sociais. O estudo busca compreender como a lógica da hiperexposição, da busca por reconhecimento e da cultura do desempenho influencia a edificação das identidades e enfraquece as experimentações humanas presenciais. Fundamenta-se teoricamente em autores como Paula Sibilia, Byung-Chul Han, Axel Honneth, Jonathan Haidt, Guy Debord e Carl Rogers. A pesquisa possui caráter bibliográfico, qualitativo e crítico-reflexivo. Conclui-se que a sociedade digital produz pessoas cada vez mais dependentes da validação virtual, enquanto as relações presenciais tornam-se fragilizadas, superficiais e emocionalmente empobrecidas.

Palavras-chave: Redes sociais; Identidade; Performance digital; Reconhecimento; Relações humanas.

ABSTRACT

This article critically analyzes the re-significations of human relations in contemporary society in light of the maximization of social media and digital platforms. A increasingly frequent phenomenon is observed: individuals who adopt aggressive, bold, and highly expressive behaviors in virtual environments, yet



demonstrate withdrawal, insecurity, and communication difficulties in face-to-face relations. Although frequently associated with young people, this behavior also migrates into adulthood, affecting and weakening family, affective, professional, and social relationships. The study seeks to understand how the logic of hyperexposure, the quest for recognition, and the culture of performance influence the building of identities and undermine face-to-face human experiences. It is theoretically grounded in authors such as Paula Sibilia, Byung-Chul Han, Axel Honneth, Jonathan Haidt, Guy Debord, and Carl Rogers. The research is bibliographic, qualitative, and critical-reflective in nature. It concludes that the digital society produces individuals who are increasingly dependent on virtual validation, while face-to-face relationships become fragile, superficial, and emotionally impoverished.

Keywords: Social media; Identity; Digital performance; Recognition; Human relations.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea vive uma transformação profunda nas formas de comunicação, convivência e edificação da subjetividade. O avanço das tecnologias digitais e a consolidação das redes sociais como espaços centrais da vida cotidiana, alteraram significativamente a maneira como as pessoas se relacionam consigo mesmos, com os outros e com o mundo. Na atualidade, grande parte das experimentações humanas perpassam pelas mediações das telas. Emoções, opiniões, conflitos, afetos e posicionamentos, são continuamente compartilhados em ambientes digitais que operacionalizam sob a lógica da visibilidade permanente. Nesse cenário, a pessoa contemporânea parece existir apenas quando é visto, comentado ou validado.

Ao mesmo tempo em que as redes sociais maximizam possibilidades de comunicação e expressão, elas também revelam um paradoxo inquietante: pessoas extremamente ativas, agressivas e corajosas no ambiente virtual demonstram, continuamente, dificuldades de interação, diálogo e enfrentamento nas relações presenciais.

A figura do chamado “leão das redes sociais” tornou-se simbologia de uma geração e também de muitos adultos que encontra nas plataformas digitais um espaço de poder e projeção que não consegue sustentar fora delas. Atrás das telas, a pessoa opina, ataca, expõe, confronta e performa. Contudo, diante da presença concreta do outro, cala-se, retrai-se ou revela profunda insegurança emocional. Tal fenômeno não pode ser interpretado apenas como oscilação comportamental isolada, mas como expressão de uma sociedade marcada pela lógica da performance, da exposição contínua e da fragilidade das inter-relações humanas. As redes sociais não apenas modificaram a comunicação; elas alteraram a própria experimentação do existir socialmente. A pessoa contemporânea passou a edificar sua identidade diante da necessidade constante de reconhecimento, aprovação e visibilidade.



Nesse contexto, o presente artigo busca analisar criticamente como a cultura digital influencia a edificação das identidades e contribui para o enfraquecimento das inter-relações presenciais. A pesquisa procura compreender como a hiperexpressão online convive com a fragilidade emocional e comunicacional da vida offline, produzindo pessoas cada vez mais dependentes da mediação tecnológica para existir socialmente. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e crítico-reflexiva, fundamentada em autores da filosofia, sociologia, psicologia e estudos da comunicação.

O abismo entre a audácia virtual e o retraimento presencial descortina uma crise maximizada na estrutura da alteridade contemporânea. Para investigar esse cenário, o presente artigo está organizado em três seções de desenvolvimento. Inicialmente, discute-se o conceito de "show do eu" e a espetacularização da intimidade a partir de Paula Sibília e Guy Debord, articulando-os à sociedade do desempenho de Byung-Chul Han. Em seguida, analisa-se a busca por reconhecimento e a vulnerabilidade psicológica sob as lentes de Axel Honneth e Jonathan Haidt. Por fim, recorre-se à abordagem humanista de Carl Rogers para propor caminhos de resgate da autenticidade e da profundidade nas relações humanas, preparando o terreno para as considerações finais que problematizam o futuro da convivência social offline.

Essa clivagem identitária que opõe a onipotência algorítmica à vulnerabilidade social offline, sinaliza que o tecido das inter-relações humanas está sendo reconfigurado na mesma proporção em que o mercado tecnológico avança. Longe de se reduzir a um mero dilema geracional ou tecnológico, o tensionamento aqui proposto convoca a comunidade acadêmica a desvelar as patologias de uma sociabilidade que fetichiza a imagem e penaliza a presença corporificada. Espera-se que este itinerário crítico-reflexivo não apenas diagnostique as fraturas do "eu performático", mas também forneça subsídios teóricos para que as instituições formativas possam reverter o esvaziamento da alteridade, transformando a reclusão silenciosa dos sujeitos contemporâneos em um exercício urgente de fala autêntica e escuta mútua no mundo real.

2 A CULTURA DA EXPOSIÇÃO E A MERCADORIZAÇÃO DA VIDA

A sociedade contemporânea transformou o contexto intimidade em espetáculo. As redes sociais converteram experimentações pessoais em mercadorias simbólicas, consumidas diariamente por milhões de pessoas. Segundo Sibília (2008, p. 27-40), vive-se atualmente uma ruptura histórica nas formas de subjetivação. Se anteriormente o sujeito construía sua identidade na interioridade e na preservação da vida privada, hoje a lógica dominante exige exposição constante. Em *O show do eu*, Sibília afirma que a intimidade deixa de ser espaço protegido para transformar-se em produto de visibilidade pública. A vida cotidiana converte-se em conteúdo. (Sibília, p. 36-44).

Nesse cenário, a pessoa contemporânea passa a existir através da exibição de si mesma. Comer, viajar, sofrer, amar, opinar e até indignar-se tornam-se performances publicáveis, a ponto de gerar



maximização de imagem e comentários. A lógica das plataformas digitais transforma inter-relações humanas em métricas de aceitação: curtidas, comentários, compartilhamentos e visualizações funcionam como indicadores simbólicos de valor social.

O problema não reside apenas na utilização das redes sociais, mas na maneira como elas reorganizam a experimentação humana. As pessoas deixam gradualmente de viver experimentações para começar a administrá-las como imagem. A vida passa a ser editada, filtrada e performada. Conseqüentemente, muitas pessoas desenvolvem identidades artificiais sustentadas pela necessidade permanente de aprovação. O “eu” transforma-se em projeto de marketing pessoal.

A coragem digital, nesse contexto, não raramente mascara inseguranças profundas. A agressividade virtual pode funcionar como tentativa desesperada de existir em uma sociedade que condiciona reconhecimento à visibilidade. Essa transfiguração do íntimo em espetáculo consolida o que Sibilia diagnostica como a era das identidades "extracandentes", em que o valor da pessoa transita do ser para o aparecer. Ao converter a subjetividade em um produto de vitrine gerenciável, o ecossistema digital sequestra a espontaneidade da vida cotidiana, forçando o indivíduo a agir como diretor e mercadoria de sua própria narrativa. O resultado desse processo é a hipoteca da autenticidade em nome do engajamento: a agressividade e a audácia virtuais emergem como sintomas de um "eu" fragilizado que, destituído de uma ancoragem interna e de uma privacidade protegida, precisa tyrannizar o espaço digital para assegurar algum simulacro de existência social.

3 A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO E O COLAPSO DA EXPERIÊNCIA HUMANA

A sociedade moderna substitui a experimentação concreta pela representação a todo custo da visibilidade. Na sociedade do espetáculo, as relações humanas passam a ser mediadas por imagens. O real perde espaço para sua encenação. As plataformas digitais maximizam radicalmente essa lógica. As pessoas contemporâneas não apenas vivem: elas precisam provar continuamente que vivem. Não basta sentir; é preciso publicar. Não basta existir; é necessário aparecer, ser notada a todo e qualquer custo. A vida transforma-se em vitrine. O cerne é que o excesso de representação produz empobrecimento da experiência humana concreta. Relações afetivas tornam-se superficiais, diálogos são substituídos por reações rápidas e a convivência presencial perde espaço para interações mediadas por telas. A pessoa hiperconectada encontra-se permanentemente exposta, mas emocionalmente distante.

A internet oferece a ilusão de participação social intensa, enquanto muitas inter-relações reais tornam-se frágeis, voláteis, descartáveis e emocionalmente vazias. Nesse contexto, emerge a pessoa performática das redes sociais: intensa no discurso, agressivo(a) nos comentários, radical nas opiniões e silencioso(a) na convivência cotidiana. A performance virtual funciona como compensação simbólica diante da impotência emocional da vida real.



Guy Debord (1997), ao analisar a lógica da espetacularização da vida moderna, afirma que tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação. A sociedade do espetáculo, evidenciando que a experiência humana passa a ser mediada por imagens e aparências, fenômeno que se intensifica radicalmente nas redes sociais digitais, onde a visibilidade pública torna-se critério de reconhecimento e existência social (Debord, 1997, p. 13-14). Essa mesma sociedade do espetáculo é almejada por pessoas que não estão dentro da imagem vista como perfeita (Klemz, 2023; 2025). São pessoas que buscam de forma legítima o seu lugar. E isso é um direito seu. Trata-se da diversidade humana (Klemz, 2021) que almeja participar da realidade virtual.

O império da imagem denunciado por Debord encontra nas plataformas digitais a sua expressão mais radical e alienante. Ao subordinar o viver ao registrar, a cultura do espetáculo inverte a lógica da existência: a realidade passa a depender da sua própria encenação virtual para adquirir autenticidade social. Essa febre representacional esvazia a densidade da experimentação concreta, substituindo o estofado dos encontros presenciais por simulacros afetivos de rápida digestão. Verifica-se que o paradoxo da pessoa que se agiganta no discurso online e se aquieta no cotidiano offline. Reflete, portanto, uma subjetividade capturada pela fumaça da exibição; um "leão" cênico que, ao abrir mão da profundidade do vivido em troca do aplauso imediato da vitrine digital, sela o colapso de sua própria capacidade de experienciar o mundo real.

4 A SOCIEDADE DO DESEMPENHO E O ESGOTAMENTO PSÍQUICO

Para Han (2015, p. 23-25), a sociedade contemporânea abandonou o modelo disciplinar e passou a funcionar pela lógica do desempenho permanente. A pessoa atual encontra-se pressionada a produzir continuamente felicidade, opinião, produtividade, engajamento e sucesso. Nas redes sociais, essa exigência intensifica-se de forma brutal. A pessoa contemporânea não pode desaparecer. Precisa manter-se constantemente ativo, opinando, postando, reagindo e demonstrando relevância social. O silêncio torna-se quase uma forma de invisibilidade. A hipercomunicação digital, entretanto, não produz aprofundamento humano. Pelo contrário: produz cansaço emocional, ansiedade, superficialidade e esgotamento psíquico.

As plataformas digitais operacionalizam através da exploração emocional das pessoas. O algoritmo privilegia aquilo que gera reação intensa: raiva, espanto, indignação, polêmica e conflito. Conseqüentemente, a agressividade virtual torna-se funcional ao sistema digital. A pessoa que grita mais, aparece mais. A pessoa que escandaliza mais, engaja mais. A cultura digital favorece extremos emocionais porque eles produzem circulação e permanência nas plataformas.

Nesse cenário, muitos indivíduos tornam-se “fortes” apenas dentro do ambiente virtual. A coragem digital revela-se, muitas vezes, profundamente dependente da distância física e da ausência do confronto humano direto. O imperativo do desempenho permanente nas plataformas digitais redefine as fronteiras do



controle social, convertendo o antigo sujeito disciplinado em um autoexplorador exausto. Ao transformar o silêncio em invisibilidade e a moderação em irrelevância, o ecossistema algorítmico coloniza o aparato psíquico da pessoa, exigindo-lhe uma prontidão afetiva que inevitavelmente deságua no esgotamento. Essa hipercomunicação ruidosa estimula uma coragem puramente cênica, na qual a agressividade e os extremos emocionais são monetizados como combustível de engajamento. Conclui-se, portanto, que a audácia performada nas redes sociais não sinaliza um fortalecimento da subjetividade; pelo contrário, funciona como uma compensação narcísica para a incapacidade crônica de sustentar a densidade, o conflito e a imprevisibilidade do encontro face a face no mundo offline.

5 RECONHECIMENTO, VALIDAÇÃO E A DEPENDÊNCIA DO OLHAR DO OUTRO

Segundo Honneth (2003, p. 159-161), a identidade humana é construída a partir das experiências de reconhecimento social. Toda pessoa necessita sentir-se valorizada, percebida e aceita para desenvolver autoestima e pertencimento. As redes sociais exploram e maximizam exatamente essa necessidade humana fundamental. Curtidas tornam-se pequenas recompensas emocionais. Visualizações convertem-se em validação simbólica. Comentários funcionam como confirmação de “existência social”. O problema é que o reconhecimento digital é instável, superficial e dependente da lógica do consumo rápido. A pessoa contemporânea torna-se emocionalmente dependente da aprovação pública contínua, para ser firmada emocionalmente no contexto digital.

Essa dinâmica não atinge apenas adolescentes. Adultos também passaram a edificar versões performáticas de si mesmos nas plataformas digitais. Famílias, relações afetivas e ambientes profissionais encontram-se profundamente atravessados pela lógica da exposição. Muitos adultos sentem necessidade permanente de demonstrar perfil bem sucedido, felicidade plena, sucesso macro, produtividade e estabilidade emocional nas redes, mesmo quando vivenciam sofrimento, vazio ou fragilidade. A vida transforma-se em espetáculo permanente de aparências.

Percebe-se a mercantilização do afeto operada pelas plataformas digitais subverte a gramática moral do reconhecimento teorizada por Honneth. Ao transmutar a necessidade legítima de amor, direito e solidariedade em métricas frias de engajamento, o ecossistema virtual aprisiona a pessoa em um circuito de validação efêmera, onde a autoestima é ditada pela volatilidade dos algoritmos. Essa busca incessante por aprovação oblitera a distinção entre o espaço público e a intimidade, forçando o adulto contemporâneo a gerenciar a própria existência como uma marca corporativa que não pode falhar. Conclui-se, portanto, que a dependência patológica do olhar alheio nas redes sociais não é uma vaidade superficial, mas o reflexo de uma subjetividade exilada de si mesma, que precisa performar uma ficção de integridade digital para camuflar a falência de seus vínculos comunitários concretos.



6 A FRAGILIDADE DAS RELAÇÕES PRESENCIAIS

Enquanto a exposição digital cresce, as inter-relações humanas presenciais tornam-se progressivamente fragilizadas. Conversar presencialmente exige escuta, empatia, tolerância, improviso e enfrentamento emocional direto. Diferentemente das redes sociais, não existem filtros, tempo de edição ou possibilidade de editar ou apagar falas.

Carl Rogers (1997, p. 19-21), defendia que relações saudáveis dependem de autenticidade e aceitação genuína do outro. Entretanto, a cultura digital favorece relações rápidas, descartáveis e mediadas pela aparência, fomentando um mundo alusivo contido de abstração. Muitas pessoas sentem-se mais seguros escrevendo mensagens do que sustentando diálogos humanos profundos.

O resultado é uma sociedade hiperconectada tecnologicamente, mas emocionalmente empobrecida. Reuniões familiares silenciosas, amizades superficiais e relações afetivas mediadas por telas, revelam o enfraquecimento da convivência humana concreta. A pessoa contemporânea fala constantemente, mas escuta cada vez menos.

Neste contexto, o recuo do espaço presencial para o refúgio das telas revela o medo contemporâneo da imprevisibilidade que rege o encontro humano. Ao preterir a autenticidade e a aceitação incondicional propostas por Rogers em favor de interações editáveis e sob demanda, a pessoa transfere sua sociabilidade para um ambiente controlado, onde a alteridade é pasteurizada e o Outro só existe enquanto performa para o seu consumo visual. Esse esvaziamento da convivência concreta cobra o seu preço na perda da capacidade de mediação de conflitos cotidianos: sem o treino do olhar, da escuta e do silêncio compartilhado, os vínculos liquefazem-se. Conclui-se, portanto, que a hiperconectividade técnica não expandiu a comunicação, mas sim camuflou um severo analfabetismo afetivo, no qual falar muito tornou-se o principal sintoma da incapacidade de realmente escutar.

7 ANSIEDADE, ISOLAMENTO E FRAGILIDADE EMOCIONAL

Haidt (2024, p. 15-19) aponta que o crescimento da cultura digital está diretamente relacionado ao aumento da ansiedade, insegurança emocional e sofrimento psíquico. A comparação permanente entre vidas editadas produz sentimentos contínuos de insuficiência substancial. As redes sociais criam a ilusão de felicidade constante, sucesso permanente e perfeição emocional. Diante disso, muitas pessoas desenvolvem sensação de fracasso existencial ao comparar sua vida real com performances digitais idealizadas.

Além disso, a cultura da hiperexposição enfraquece contextos de silêncio, introspecção e elaboração emocional profunda. A pessoa contemporânea encontra-se constantemente estimulada, distraída e emocionalmente saturada. Paradoxalmente, nunca houve tanta comunicação e, ao mesmo tempo, tanta dificuldade de convivência humana genuína.



Diante desse cenário, fica evidente que a epidemia de transtornos mentais que caracteriza a contemporaneidade não é um subproduto colateral da tecnologia, mas a consequência lógica de uma arquitetura digital desenhada para colonizar a atenção e mercantilizar os afetos. Ao substituir o tempo da introspecção e do amadurecimento psíquico pelo fluxo ininterrupto de estímulos algorítmicos, a pessoa neste contexto contemporâneo, converte-se em um operário(a) da própria exposição, cuja fragilidade emocional offline é proporcional à sua necessidade de aprovação online. Assim, o isolamento e a insuficiência relatados por Haidt deixam de ser patologias individuais e passam a ser compreendidos como o sintoma mais agudo de uma sociedade que trocou a profundidade do encontro humano pela tirania da imagem editada.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade contemporânea perpassa uma crise silenciosa das Inter-relações humanas. Sob a aparência de hiperconectividade, esconde-se um profundo empobrecimento da experimentação presencial, do diálogo e da convivência afetiva. As redes sociais ressignificaram radicalmente a maneira como as pessoas edificam suas identidades e buscam reconhecimento. O valor humano passou a ser frequentemente associado à visibilidade, ao alcance e à capacidade de produzir engajamento.

Nesse cenário, emerge a pessoa performática das plataformas digitais: intensa na exposição, agressivo nos discursos e dependente da aprovação coletiva. Contudo, fora das telas, essa mesma pessoa muitas vezes revela insegurança, dificuldade de comunicação e fragilidade emocional. A figura do “leão das redes sociais” não representa apenas comportamento individual isolado, mas sintoma de uma sociedade adoecida pela lógica da performance, da competição simbólica e da necessidade permanente de validação.

Autores como Paula Sibilia, Byung-Chul Han e Guy Debord ajudam a compreender que a cultura digital não apenas alterou formas de comunicação, mas reorganizou profundamente a experimentação humana contemporânea.

Entretanto, este artigo não propõe demonizar a tecnologia ou negar a importância das plataformas digitais. O problema central não está apenas na existência das redes sociais, mas na ausência de mediações críticas capazes de humanizar seu uso. Torna-se urgente ressignificar espaços de convivência presencial, escuta genuína e relações menos condicionadas pela lógica da aparência e da validação pública.

Famílias, escolas, universidades e instituições sociais possuem papel fundamental nesse processo. É necessário estimular educação emocional, pensamento crítico e experimentações humanas que ultrapassem a superficialidade das interações digitais. A sociedade contemporânea precisa reaprender a conviver sem transformar toda experimentação em espetáculo. Precisa reaprender a dialogar sem depender do anonimato das telas. Precisa reaprender a existir para além da necessidade constante de ser vista. Talvez



o maior desafio do nosso tempo não seja conectar pessoas à internet, mas reconectar seres humanos de forma dialética uns aos outros.

Em última análise, desarmar a armadura do "leão das redes" e acolher a vulnerabilidade das pessoas offline, exige mais do que a regulação de algoritmos; requer a refundação da nossa capacidade de alteridade. Ao cruzar as contribuições da sociologia crítica com a urgência de uma práxis pedagógica e familiar humanizadora, conclui-se que o resgate do diálogo genuíno e do cuidado de si é o único caminho capaz de romper a tirania do espetáculo. Somente quando as instituições sociais assumirem o papel de mediadoras críticas dessa transição, será possível transformar a hiperconectividade técnica em autêntico encontro humano, garantindo que a Geração Alfa e as futuras possam, finalmente, habitar um mundo onde o direito à interioridade seja mais soberano do que a obrigação de performar.

REFERÊNCIAS

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

ROGERS, Carl. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

HAIDT, Jonathan. **A geração ansiosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2025.

KLEMZ, Charles. **Inclusão transversal da diversidade humana**: um diálogo entre a teologia e a educação. São Leopoldo: Oikos, 2021.

KLEMZ, Charles. **O rosto de Cristo na diversidade humana das redes sociais digitais**. 2023. 177 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação, Faculdades EST, São Leopoldo, 2023. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/1167/1/klemz_c_td.pdf. Acesso em 30 jan. 2026.

KLEMZ, Charles. **A diversidade humana nas redes sociais digitais**: um estudo a partir da teologia. Veranópolis, RS: Diálogo Freiriano, 2025.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.